



~~~~~

"O MUNDO TEM UM NOVO HERÓI LITERÁRIO. SEU NOME É  
RICHARD SHARPE." — THE PHILADELPHIA INQUIRER

---

*B E R N A R D*  
**C O R N W E L L**

AUTOR DAS TRILOGIAS *AS GRÔNICAS DE ARTUR* E *A BUSCA DO GRAAL*

---

*O Tigre de*  
**S H A R P E**

INDIA, 1799  
AS AVENTURAS  
DE SHARPE



BERNARD CORNWELL

# O Tigre de SHARPE



EDITORA RECORD

Título original inglês:

SHARPE'S TIGER — VOLUME I:

Dedico O tigre de Sharp e a Muir Sutherland e Malcolm Craddock, a quem agradeço de todo o coração.

## *CAPÍTULO I*

Curioso como não existem abutres na Inglaterra, pensou Richard Sharpe. Pelo menos nenhum que ele tivesse visto. Pássaros abomináveis. Ratos com asas. Sharpe pensava muito em abutres e, sendo um soldado, um recruta, tinha tempo de sobra para pensar, porque o exército insistia em pensar por ele. O exército decidia quando Sharpe devia acordar, dormir, comer, marchar e ficar sentado de braços cruzados, que era sua atividade principal. Essa era a rotina de um recruta do exército, e Sharpe estava farto dela. Estava entediado e pensando em fugir. Ele e Mary. Fugirem. Desertarem. A idéia não saía de sua cabeça, embora fosse estranho preocupar-se com isso agora, quando o exército estava prestes a presentear-lo com sua primeira batalha decente. Sharpe já estivera num combate, mas fora havia cinco anos, e não passara de uma escaramuça no meio do nevoeiro. Na época, ninguém sabia por que o 33º Regimento estava em Flandres ou qual seria sua função ali. No fim das contas, Sharpe não fez nada além de disparar alguns tiros em franceses acobertados pela névoa. O conflito mal começara e de repente chegou ao fim. Contudo, Sharpe viu alguns homens serem abatidos. A morte de que lembrava melhor era a do sargento Hawthorne, que, atingido por uma bala de mosquete, teve uma costela empurrada para fora da casaca vermelha. Sharpe não viu uma única gota de sangue, apenas a costela imaculadamente branca projetando-se do tecido vermelho desbotado. “Dá para pendurar meu chapéu aqui”, disse Hawthorne num tom maravilhado, antes de soluçar, vomitar sangue e cair no chão. Sharpe recarregou sua arma e disparou, e então, quando começava a se divertir, o batalhão recebeu ordens para recuar e navegar de volta para a Inglaterra. Uma droga de batalha.

Agora estava na Índia. Sharpe não sabia por que estava invadindo Misore nem se importava com isso. O rei George II ordenou que Richard Sharpe fosse à Índia, de modo que na Índia Richard Sharpe estava. Mas sentia-se entediado. Era jovem e acreditava que a vida tinha mais a lhe oferecer do que acordar com muita pressa para não fazer nada. Podia ganhar dinheiro. Não tinha muita certeza de como ganhar dinheiro, além de roubar, mas sabia que estava enfadado e que qualquer coisa seria melhor que ficar no fundo de uma pilha de esterco. Fugir é uma boa idéia, disse Sharpe aos seus botões. Tudo de que um homem precisava para vencer na vida era um pouco de bom senso e a

capacidade de derrubar um oponente antes que o oponente pudesse derrubá-lo, e Richard Sharpe acreditava possuir uma boa dose desses talentos.

Mas fugir para onde na Índia? Metade dos nativos estava na folha de pagamento dos britânicos, e podiam entregar um desertor por um punhado de pices, sendo que o pice não valia quase nada. A outra metade dos indianos estava lutando contra os britânicos, ou se preparando para lutar, e se Sharpe esbarrasse com eles seria forçado a servir aos seus exércitos. Ganharia mais dinheiro num exército nativo, provavelmente bem mais que seu soldo de dez pence ao dia, mas por que trocava um uniforme por outro? Não, ele teria de fugir para algum lugar onde o exército jamais pudesse encontrá-lo, do contrário acabaria diante de um pelotão de fuzilamento. Levava uma saraivada de balas de mosquete, seu corpo seria jogado numa cova aberta, e no dia seguinte os ratos com asas arrancariam as tripas de sua barriga como um bando de passarinhos puxando minhocas da terra.

Era por causa disso que pensava tanto em abutres. Estava pensando que queria fugir, mas que não queria servir de comida para os abutres. Não queria ser capturado. Essa era a regra número um do exército, e a única que importava. Porque se você fosse apanhado os bastardos ou açoitavam-no até a morte ou reorganizavam suas costelas com balas de mosquete. E, de um jeito ou de outro, os abutres esbaldavam-se.

Os abutres sempre estavam por perto, às vezes circulando no ar com suas asas compridas, às vezes empoleirados em galhos. Para pássaros necrófagos, um exército em marcha era uma promessa de alimento abundante. E agora, neste último ano do século XVIII, dois exércitos aliados cruzavam esta planície fértil do sul da Índia. Um era um exército britânico, e o outro pertencia a um aliado dos ingleses, o nizam de Haiderabad, e ambos os exércitos estavam oferecendo um banquete para os abutres. Cavalos morriam, touros e vacas morriam, camelos morriam, e até dois daqueles elefantes aparentemente indestrutíveis haviam morrido. E pessoas também. Os exércitos gêmeos tinham uma retaguarda dez vezes mais comprida que eles próprios: uma procissão de seguidores de acampamentos, mercadores, pastores, prostitutas, esposas e crianças, e entre todas essas pessoas, como entre os próprios soldados, propagavam-se doenças. Homens morriam defecando sangue, tremendo de febre, ou sufocando no próprio vômito. Agonizavam fazendo força para respirar, empapados de suor, dizendo coisas desconexas ou com as peles cobertas por bolhas e chagas. Homens, mulheres e crianças pereciam, e não importava se eram enterrados ou queimados, porque os abutres os comiam de qualquer jeito. Afinal, jamais se dispunha de tempo ou madeira suficiente para se fazer uma pira funerária. Assim, os abutres catavam a carne meio assada dos ossos queimados, e se os corpos eram sepultados, nenhuma pilha de pedra impedia que as feras sarcófagas desencavassem a carne

inchada e podre, e que os bicos curvos dos abutres aproveitassem tudo aquilo que os dentes dos animais deixavam para trás.

E este dia quente de março prometia comida farta. Os abutres sentiam isso; ao passo que a tarde avançava, um número crescente de pássaros circulava o céu acima dos soldados. Os pássaros não batiam suas asas; simplesmente pairavam no ar, aguardando pacientemente, como se soubessem que em breve iriam se refestelar com os mortos.

— Pássaros abomináveis — disse Sharpe. — Ratos com asas.

Mas nenhum de seus colegas da Companhia Ligeira do 33º Regimento do rei respondeu ao comentário. Ninguém tinha fôlego para dizer qualquer coisa. Os homens em marcha na testa levantavam uma grande quantidade de poeira, e as fileiras da retaguarda precisavam avançar por uma nuvem densa que sufocava pulmões e ardia olhos. A maioria dos homens não tinha ciência dos abutres, enquanto outros estavam tão cansados que não haviam notado a tropa de cavalaria que aparecera 800 metros ao norte. Os cavaleiros passaram trotando por um bosque salpicado com flores vermelhas e então aceleraram. Desembainharam sabres que reluziram ao sol enquanto se distanciavam dos soldados de infantaria; e tão inexplicavelmente quanto haviam acelerado e se afastado, pararam. Sharpe foi um dos soldados que viu os cavaleiros. Eram da cavalaria britânica. Almofadinhas que tinham ido ver como soldados de verdade lutavam.

Adiante, do outeiro onde se viam, contra a vastidão esbranquiçada do céu, as silhuetas de um segundo grupo de cavaleiros, um canhão foi disparado. O estouro ecoou pela planície. A fumaça do canhão subiu ao céu numa coluna branca coleante e a bola pesada arremeteu-se ao solo, estilhaçando folhas e flores, levantando terra do chão duro e derramando detritos sobre o tronco contorcido de uma árvore tombada. O tiro havia errado a infantaria de casacas vermelhas por uns bons duzentos passos, mas o fragor do canhão acordou os sonolentos.

— Meu Deus! — exclamou um soldado da retaguarda. — Que foi isso?

— Um peido de camelo — retorquiu um cabo. — Ora, diabos, o que você acha que foi?

— Foi um péssimo tiro — comentou Sharpe. — Minha mãe maneja um canhão melhor que essa gente.

— Não acho que você tenha tido mãe — provocou o recruta Garrard.

— Tom, todo mundo teve mãe.

— Não o sargento Hakeswill — disse Garrard, cuspiendo uma mistura de poeira e saliva.

A tropa parara momentaneamente, não em obediência a uma ordem, mas porque o tiro de canhão assustara o oficial que liderava o batalhão, e agora ele não tinha mais certeza de para onde conduzi-lo.

— Hakeswill não nasceu de uma mãe — continuou Garrard. Despiu a barretina e usou a manga da casaca para limpar a poeira e o suor do rosto. O tecido lanoso deixou um rastro avermelhado na fronte do recruta. — Hakeswill foi desovado por um demônio — declarou, colocando a barretina de volta sobre os cabelos cobertos de pó branco.

Sharpe tentou adivinhar se Tom Garrard desertaria junto com ele. Dois homens tinham mais chances de sobreviver que um. E quanto a Mary? Viria com eles? Sharpe pensava muito em Mary. A situação deles era complicada. Viúva do sargento Bickerstaff, Mary era meio indiana, meio inglesa e tinha a mesma idade de Sharpe, ou pelo menos ele achava isso. Era possível que Sharpe tivesse não 22, mas 21 ou 23 anos; não tinha certeza porque nunca tivera uma mãe para lhe dizer quando havia nascido. Claro que tivera mãe, todo mundo nasceu de uma mãe, mas nem todo mundo nasceu de uma prostituta de Cat Lane que desapareceu logo depois de parir. O bebê foi batizado em homenagem ao patrono rico do orfanato que o acolheu, mas o nome não brindou Richard Sharpe com nenhuma herança e o deixou no fundo da pilha de esterco do exército. Ainda assim, pensou Sharpe, ele podia ter um futuro, e Mary falava uma ou duas línguas indianas que poderiam ser úteis caso ele e Tom realmente desertassem.

A cavalaria à direita de Sharpe voltou a trotar e desapareceu entre as árvores floridas, deixando para trás apenas uma efêmera nuvem de poeira. Duas carretas de canhões leves, com balas de seis libras, acompanharam a cavalaria, sacolejando perigosamente pelo terreno acidentado atrás de suas parrelhas de cavalos. Todos os outros canhões do exército eram levados em carroças de bois, mas as carretas de canhões eram puxadas por cavalos, que eram três vezes mais rápidos. O canhão solitário do inimigo disparou de novo, o som brutal golpeando o ar quente com um impacto quase palpável. Sharpe viu mais canhões inimigos ao longo do despenhadeiro, mas eram menores que aquele que acabara de disparar, e possivelmente não possuíam tanto alcance quanto ele. De repente, Sharpe viu um risco cinzento subir no ar, como se um lápis invisível estivesse traçando uma linha vertical no céu azul pálido, e percebeu que o disparo do canhão grande vinha direto contra ele. Sharpe sabia que não havia vento para empurrar a bala pesada gentilmente para o lado, e pensou tudo isso no segundo em que o projétil esteve no ar, um espaço de tempo curto demais para um homem reagir, suficiente apenas para reconhecer a aproximação da morte. Mas a bala atingiu o solo a uma dúzia de passos de Sharpe, quicou, zuniu por cima de sua cabeça e pousou ruidosamente num canavial.

— Dick, acho que sua mãe está manejando o canhão agora — disse Garrard.

— Calados! — gritou de repente o sargento Hakeswill. — Poupem o fôlego para a luta. Era você falando, Garrard?

— Não, sargento. Não tenho mais fôlego nem para isso.

— Não tem mais fôlego? — O sargento Hakeswill aproximou-se de Garrard até praticamente colar seu rosto no dele. — Não tem mais fôlego? Isso significa que está morto, recruta Garrard! Morto! E morto não tem nenhuma utilidade para o rei ou o país. E, embora vivo, você também não serve para nada! — Os olhos malévolos do sargento correram para Sharpe. — Era você falando, Sharpezinho?

— Não, sargento.

— Vocês não receberam ordens de falar. Se o rei quisesse que conversassem, eu teria lhes dito. Sharpezinho, dê-me seu mosquete. Agora!

Sharpe entregou-o ao sargento. A chegada de Hakeswill à companhia fora a gota d'água, o fator determinante na decisão de Sharpe de fugir do exército. Sharpe já estava entediado antes, mas Hakeswill somou injustiça ao tédio. Não que Sharpe se importasse com injustiça, afinal apenas os ricos desfrutavam de justiça neste mundo, mas a injustiça de Hakeswill era carregada com tanta maldade que era raro o homem na companhia que não estivesse pronto para se rebelar. Tudo que impedia os soldados de se amotinarem era o conhecimento de que Hakeswill torcia para que se rebelassem para então poder puni-los. Hakeswill era um homem que sabia provocar insolência e depois administrar o castigo. Estava sempre dois passos adiante de seus subordinados, aguardando atrás de uma árvore com um tacaie na mão. Era um demônio, era Hakeswill, um monstro numa bela casaca vermelha decorada com divisas de sargento.

Mesmo assim, se você quisesse ver o soldado perfeito, tudo o que tinha a fazer era olhar para Hakeswill. Era verdade que seu rosto encaroçado estremecia a intervalos de poucos segundos, como se um espírito maligno se contorcesse logo abaixo da pele avermelhada pelo sol; mas seus olhos eram azuis, os cabelos salpicados de fios brancos como a neve que jamais caía nesta terra, e o uniforme tão bem-cuidado quanto se ele fosse um guarda do Palácio de Windsor. Hakeswill apresentava armas como um militar prussiano, cada movimento tão rápido e preciso que dava gosto de ver. Nos tempos em que era sargento de recrutamento, Hakeswill tivera o cuidado de não deixar sua maldade transparecer, e fora assim que Sharpe o conhecera. Mas agora, quando não mais precisava convencer nenhum jovem tolo a se alistar, o sargento não se importava de exibir seus demônios.

Sharpe manteve-se imóvel enquanto o sargento retirava o trapo velho que Sharpe usava para embrulhar o mosquete, protegendo seu fecho da insidiosa poeira vermelha. Hakeswill olhou a trava, não achou nada errado e deu as costas para Sharpe enquanto expunha a arma completamente ao sol.



Examinou-a novamente, engatilhou-a, disparou-a a seco e, finalmente, pareceu perder interesse no mosquete quando um grupo de oficiais esporeou seus cavalos rumo à testa da tropa.

— Companhia! Sentido!

Os homens empertigaram-se e juntaram os pés enquanto os três oficiais passavam a galope. Hakeswill empertigou-se numa pose grotesca: bota direita enganchada atrás da esquerda, pernas retas, cabeça e ombros jogados para trás, barriga empurrada para a frente e cotovelos curvados esforçando-se para se encontrar na concavidade acima do quadril. Nenhuma das outras companhias do 33º Regimento Real prestara homenagem aos oficiais de passagem, mas ainda assim o gesto de Hakeswill foi solenemente ignorado. O desprezo com que foi tratado surtiu efeito no sargento; depois que o trio havia se afastado, Hakeswill gritou para que a companhia ficasse à vontade e tornou a espiar o cano do mosquete de Sharpe.

— Não vai encontrar nada errado nele, sargento — garantiu Sharpe. Hakeswill, ainda em posição de sentido, fez uma virada complicada, a bota direita golpeando pesadamente o chão.

— Por acaso lhe dei permissão para falar, Sharpezinho?

— Não, sargento.

— Não, sargento. Não, você não recebeu permissão para falar. Uma ofensa digna da chibata. — A bochecha direita de Hakeswill estremeceu com o espasmo involuntário que desfigurava seu rosto a intervalos de poucos segundos, e a maldade em seu rosto de repente pareceu tão intensa que toda a Companhia Ligeira prendeu a respiração, antecipando a prisão de Sharpe. Então mais um estampido do canhão inimigo propagou-se pelo campo e a bola pesada caiu, quicou e deixou um rastro de devastação no arrozal. A violência do míssil inofensivo serviu para distrair Hakeswill, que se virou para assistir à bola continuar rolando até parar.

— Que merda de disparo — comentou Hakeswill, sua voz gotejando desprezo. — Ou os pagãos não sabem atirar, ou estão brincando conosco. Brincando! — E com esse pensamento, Hakeswill soltou uma gargalhada.

Sharpe suspeitava que não era por antecipar a excitação da batalha que Hakeswill estava nessa condição de quase jovialidade, e sim a certeza de que a batalha provocaria baixas e sofrimento, e ver os outros sofrerem era seu maior prazer. O terror deixava os soldados dóceis como carneirinhos, e o sargento Hakeswill ficava mais feliz quando tinha sob seu controle homens infelizes.

Os três oficiais haviam parado seus cavalos na testa da coluna e agora usavam telescópios para inspecionar a ribanceira distante e enevoadada pela fumaça deixada pelo último disparo do canhão inimigo.

— Aquele é o nosso coronel, rapazes — anunciou Hakeswill à Companhia Ligeira do 33º Regimento. — O coronel Arthur Wellesley em

pessoa. Ali, sim, está um cavalheiro, coisa que vocês não são nem jamais vão ser. Ele veio ver vocês lutarem, portanto não me façam passar vergonha. Lutem como ingleses que são.

— Eu sou escocês — manifestou-se uma voz amarga na retaguarda da formatura.

— Eu ouvi! Quem disse isso?

Hakeswill correu um olhar furioso pela companhia, o rosto contorcendo-se sem controle. Normalmente o sargento teria procurado, achado e punido o soldado por sua insolência, mas estava tão empolgado com a proximidade da batalha que não esquentou a cabeça.

— Um escocês! — disse, sarcástico. — Qual foi a coisa mais bonita que um escocês já viu? Respondam! — Ninguém ousou. — A estrada para a Inglaterra! Está na Bíblia, de modo que deve ser verdade.

Hakeswill pesou o mosquete de Sharpe enquanto olhava para as fileiras de soldados.

— Estou de olho em vocês, ouviram? Nunca estiveram numa batalha, não em uma batalha de verdade, mas saibam que do outro lado desta colina tem uma horda de pagãos de cara escura. E eles estão loucos, sabem para quê? Para botar as mãos imundas nas nossas mulheres. Assim, se um único subordinado meu fugir da luta, juro que arranco o couro de todos vocês! Vou reduzir vocês a ossos e sangue! Mas se cumprirem seu dever e obedecerem às ordens, tudo sairá bem. E quem dá as ordens?

O sargento esperou por uma resposta. Foi o recruta Mallinson quem acabou se arriscando:

— Os oficiais, sargento!

— Os oficiais! Os oficiais! — Hakeswill cuspiu em sinal de desprezo. — Os oficiais estão aqui para mostrar contra o que estamos lutando. Eles são cavalheiros. Cavalheiros de verdade! Homens de berço e posses e não lacaios e bandidos vestidos em casacas vermelhas, como vocês. Mas quem dá as ordens são os sargentos. Os sargentos são o exército. Não esqueçam disso, rapazes! Vocês estão prestes a entrar numa batalha contra pagãos e, se ignorarem minhas ordens, serão homens mortos!

O rosto contorceu-se grotescamente, a mandíbula subitamente inclinada para o lado. Sharpe, observando o rosto do sargento, perguntou-se se Hakeswill estaria com medo.

— Façam o que eu digo e estarão seguros. E sabem por quê? — Gritou essa última frase num tom altamente dramático, enquanto caminhava a passos largos diante da testa da formatura da companhia. — Sabem por quê? — repetiu, agora falando como um pastor à sua congregação. — Porque não posso morrer, meninos! Não posso morrer!

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

